

DAN  
BROWN

AUTOR DE O CÓDIGO DA VINCI

O  
SEGREDO  
FINAL



ARQUEIRO

**Para meu editor e melhor  
amigo, Jason Kaufman,  
sem o qual escrever  
esses romances teria sido  
quase impossível...  
e bem menos divertido.**

*No dia em que começar a estudar os  
fenômenos não físicos,  
a ciência avançará mais em uma década  
do que em todos os séculos anteriores.*

– NIKOLA TESLA

---

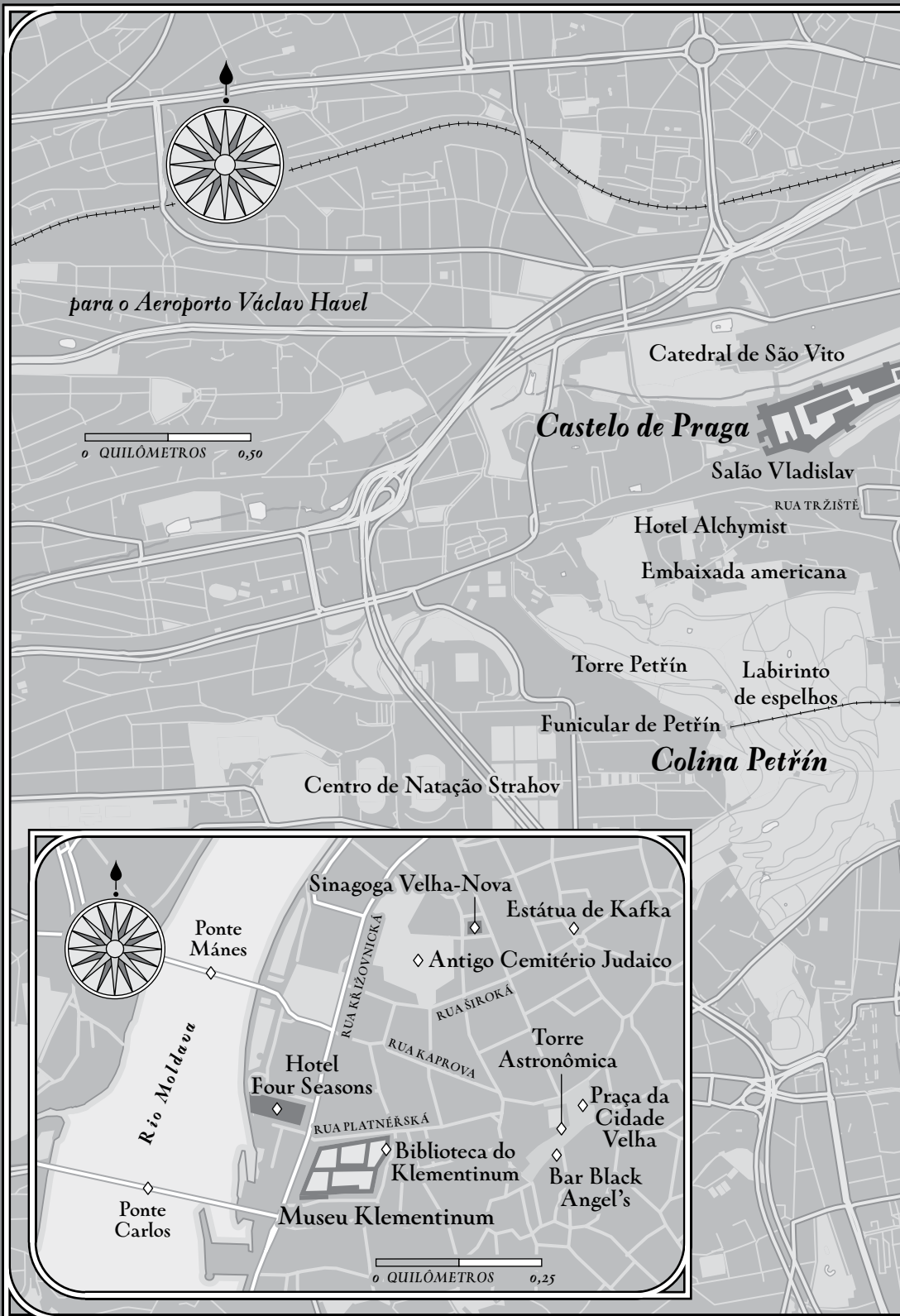
## **F A T O**

**A**s obras de arte, os artefatos, os símbolos e os documentos citados neste romance são todos reais.

**O**s experimentos, as tecnologias e os resultados científicos são todos fiéis à realidade.

**T**odas as organizações mencionadas existem de verdade.

---



para o Aeroporto Václav Havel

0 QUILOMETROS 0,50

Catedral de São Vito

**Castelo de Praga**

Salão Vladislav

RUA TRŽIŠTĚ

Hotel Alchymist

Embaixada americana

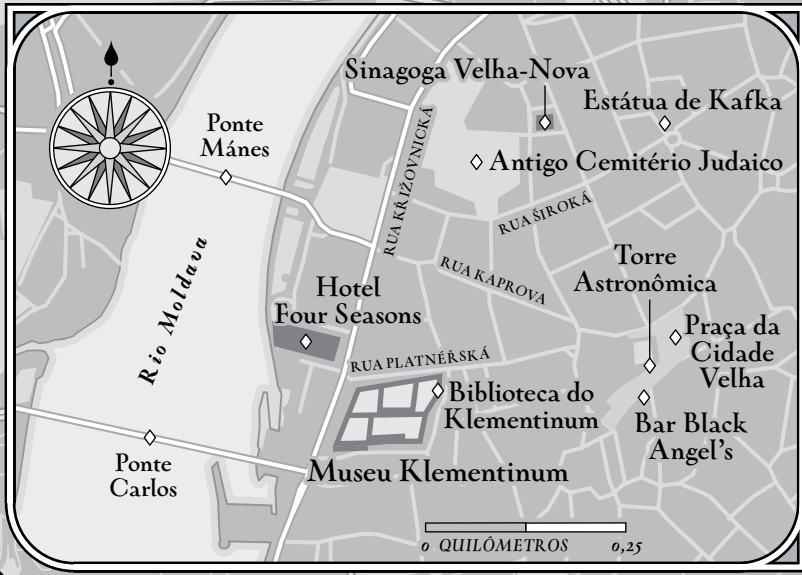
Torre Petřín

Labirinto de espelhos

Funicular de Petřín

**Colina Petřín**

Centro de Natação Strahov



Ponte Mánes

Sinagoga Velha-Nova

Estátua de Kafka

Antigo Cemitério Judaico

RUA KÁZOVNICKÁ

RUA ŠIROKÁ

RUA KAPROVA

Hotel Four Seasons

Torre Astronômica

Praça da Cidade Velha

RUA PLATNĚRSKÁ

Biblioteca do Klementinum

Bar Black Angel's

Ponte Carlos

Museu Klementinum

0 QUILOMETROS 0,25

Villa Petschek  
(residência da embaixadora  
americana)

# PRAGA

Rio Moldava

Umělá Krápníková Stěna

Jardim Wallenstein

Estátua de Kafka

Antigo Cemitério Judaico

Hotel Four Seasons

Praça da Cidade Velha

Ponte Mánes  
Ponte Carlos

Museu Klementinum

Area em detalhe

RUA LEITENSKÁ  
RUA ÚJEZD

Museu Kampa

Hotel Mozart

Ponte da Legião

Casa Dançante

Rio Moldava

Bastião U Božích Muk

R2-D2

Parque Folimanka

RUA SEKANINOVA

## Prólogo

*Eu devo ter morrido*, pensou a mulher.

Estava flutuando bem alto, acima dos pináculos da Cidade Velha. Lá embaixo, as torres iluminadas da catedral de São Vito brilhavam em meio a um mar de luzes piscando. Com os olhos – se é que a mulher ainda os tinha –, ela foi descendo a suave encosta da colina onde ficava o Castelo de Praga até o coração da capital da Boêmia, seguindo o labirinto de ruas sinuosas agora coberto por um manto de neve fresca.

*Praga.*

Desorientada, esforçou-se para entender o que estava acontecendo.

*Eu sou uma neurocientista*, garantiu a si mesma. *Estou em pleno gozo das minhas faculdades mentais.*

Concluiu que a segunda afirmação era questionável.

A única certeza da Dra. Brigita Gessner no momento era de estar suspensa acima da sua cidade natal. Seu corpo não estava ali. Ela estava desprovida de massa e de forma. Apesar disso, o que restava dela, seu *verdadeiro* eu – sua essência, sua consciência –, parecia razoavelmente intacto e alerta, pairando vagorosamente em direção ao rio Moldava.

Gessner não conseguia se recordar de nada de seu passado recente, exceto a tênue lembrança de dor física, mas agora tinha a sensação de que seu corpo era apenas a atmosfera em que flutuava. Era diferente de tudo que já havia sentido. Contrariando o próprio instinto intelectual, ela só conseguia encontrar uma explicação para aquilo.

*Eu morri. Isto aqui é a vida após a morte.*

No exato instante em que a ideia se materializou, Gessner a rejeitou, considerando-a absurda.

*A vida após a morte é uma ilusão coletiva, criada para tornar nossa vida real suportável.*

Como médica, Gessner conhecia a morte de perto e sabia de seu caráter definitivo. Quando ainda era estudante de medicina, ao dissecar cérebros humanos, entendeu que todos os atributos pessoais que fazem de nós quem

somos – as esperanças, os medos, os sonhos, as lembranças – não passam de componentes químicos mantidos em suspensão por descargas elétricas dentro do cérebro. Quando a pessoa morre, a fonte de energia do cérebro é cortada, e todas essas substâncias químicas simplesmente se dissolvem até virar uma poça de líquido sem significado algum, apagando todos os vestígios de quem essa pessoa foi um dia.

*Quando a pessoa morre, ela morre.*

*Ponto final.*

Agora, porém, pairando sobre os jardins simétricos do Palácio Wallenstein, ela se sentia extremamente viva. Via a neve cair à sua volta – ou seria *através* dela? – e, por mais estranho que parecesse, não sentia frio algum. Era como se sua mente estivesse apenas flutuando no espaço, com todo o raciocínio e toda a lógica intactos.

*Eu tenho função cerebral, falou para si mesma. Então, devo estar viva.*

A única conclusão à qual Gessner conseguia chegar era de que estava tendo o que a literatura médica denominava EFC, uma experiência fora do corpo: uma alucinação que ocorre quando pacientes gravemente feridos são ressuscitados após a constatação da morte clínica.

A EFC se dá quase sempre da mesma maneira: a pessoa tem a percepção de que a mente está temporariamente separada do corpo físico, que flutua em pleno ar, suspenso, sem forma. Apesar de parecer uma experiência real, a EFC é fruto da imaginação, em geral desencadeada pelos efeitos do estresse extremo e da falta de oxigenação no cérebro, por vezes aliados a algum anestésico usado nos atendimentos emergenciais – por exemplo, a cetamina.

*As imagens que estou vendo são alucinações, garantiu Gessner a si mesma ao fitar lá embaixo o rio Moldava serpeando pela cidade. Mas, se isso é uma EFC, então eu devo estar morrendo.*

Surpresa com a própria calma, Gessner tentou lembrar o que tinha lhe acontecido.

*Eu sou uma mulher saudável de 49 anos. Por que estaria morrendo?*

Num clarão ofuscante, uma lembrança assustadora se materializou em sua consciência, e ela então compreendeu onde seu corpo físico jazia naquele exato instante – e o mais apavorante: o que estava sendo feito com ela.

Gessner estava deitada de costas, presa a uma máquina que ela própria havia criado. Acima dela, um monstro, uma criatura que mais parecia uma espécie de homem primordial surgido das entranhas da terra. Sua cabeça estava toda coberta por uma grossa camada de barro imundo, repleto de rachaduras e irregular como a superfície da Lua. Por trás da máscara de barro, apenas os olhos

cheios de ódio eram visíveis. Três letras num idioma antigo estavam entalhadas de modo grosseiro em sua testa.

– Por que está fazendo isso? – gritou Gessner, em pânico. – Quem é você?

*O que é você?*

– Eu sou o protetor dela – respondeu o monstro com uma voz oca, e um leve sotaque eslavo. – Ela confiou em você, e você a traiu.

– Ela quem? – exigiu saber Gessner.

O monstro disse um nome de mulher, e Gessner sentiu uma pontada de pânico. *Como é possível ele saber o que eu fiz?*

Um peso gelado se materializou nos braços de Gessner, e ela se deu conta de que o monstro havia iniciado o processo. Um segundo depois, sentiu no braço esquerdo uma pontada insuportável de dor, que foi se espalhando pela veia cubital mediana e avançou em direção ao ombro com garras de aço.

– Pare, por favor – arquejou ela.

– Conte-me tudo – exigiu ele, enquanto a sensação lancinante chegava à axila de Gessner.

– Eu conto! – concordou ela, fora de si, e o monstro pausou a máquina.

A dor no ombro cessou de imediato, embora a queimação tenha perdurado.

Tomada pelo terror, Gessner se pôs a falar freneticamente por entre os dentes, revelando os segredos que havia jurado guardar. Foi respondendo às perguntas que ele fazia, revelando, assim, a perturbadora verdade em relação ao que ela e seus colegas tinham criado bem fundo debaixo da cidade de Praga.

O monstro a encarou de cima, por trás da grossa máscara de barro, os olhos frios cintilando de compreensão... e raiva.

– Vocês construíram um circo dos horrores subterrâneo – sussurrou ele. – Merecem todos morrer.

Sem hesitar, religou a máquina e se encaminhou para a porta.

– Não! – guinchou ela quando a agonia voltou a dominá-la, passando pelo ombro e chegando ao peito. – Por favor, não vá embora. Isto vai me matar!

– Vai – respondeu ele por cima do ombro. – Mas a morte não é o fim. Eu já morri muitas vezes.

Em seguida o monstro evaporou, e Gessner de repente se viu flutuando outra vez. Tentou suplicar por clemência, mas sua voz foi calada por um trovão ensurdecedor quando o céu acima dela pareceu rachar ao meio. Ela se sentiu agarrada por uma força invisível, uma espécie de gravidade invertida, que começou a erguê-la cada vez mais alto, a arrastá-la para cima.

Por anos a Dra. Brigita Gessner havia zombado das histórias de seus pacientes que diziam ter voltado das raias da morte. Agora se pegou rezando para ser

uma das raras almas que haviam chegado à beira do abismo, encarado o vazio e de alguma forma se afastado do precipício.

*Eu não posso morrer. Preciso avisar os outros!*

Mas ela sabia que era tarde.

Essa vida tinha chegado ao fim.

**Robert Langdon acordou** com toda a tranquilidade, apreciando as notas suaves da música clássica do alarme do seu celular sobre a mesinha de cabeceira. A *Atmosfera da manhã* de Grieg provavelmente era uma escolha óbvia, mas ele sempre considerara aqueles os quatro minutos de música perfeitos para iniciar o dia. Conforme os instrumentos de sopro iam ganhando força, Langdon saboreava a incerteza de não conseguir recordar exatamente onde estava.

*Ah, sim, lembrou, sorrindo para si mesmo. A Cidade dos Cem Pináculos.*

Na penumbra, examinou a imensa janela em arco do quarto, ladeada por uma cômoda antiga em estilo eduardiano e por uma luminária de alabastro. O tapete felpudo fabricado em tear manual seguia coalhado com as pétalas de rosas deixadas pelo serviço de quarto da noite anterior.

Langdon havia chegado a Praga fazia três dias e, assim como em suas visitas anteriores, estava hospedado no hotel Four Seasons. Quando o gerente insistira para dar um upgrade na sua reserva e colocá-lo na Suíte Real de três quartos, Langdon se perguntou se era devido à sua lealdade à marca ou, o mais provável, à importância da mulher com quem estava viajando.

– Nossos hóspedes mais célebres merecem nossa acomodação mais célebre – insistira o gerente.

A suíte era composta por três quartos de dormir separados, todos com banheiro próprio, uma sala de estar, uma sala de jantar, um piano de cauda e um janelão central enfeitado com um opulento arranjo de tulipas vermelhas, brancas e azuis, presente de boas-vindas da embaixada dos Estados Unidos. No quarto de vestir privativo, Langdon encontrou um par de pantufas de lã penteada com o monograma *RL*.

*Algo me diz que não é Ralph Lauren*, pensou, impressionado com o toque de personalização.

Enquanto se entregava ao conforto da cama ouvindo a música do despertador, Langdon sentiu o toque delicado de uma mão em seu ombro.

– Robert... – sussurrou uma voz suave.

Langdon rolou para o outro lado e sentiu o coração acelerar. Ali estava ela,

sorrindo para ele, os olhos acinzentados ainda meio adormecidos, o cabelo preto comprido bagunçado sobre os ombros.

– Bom dia, lindeza – respondeu ele.

Ela estendeu a mão para lhe acariciar o rosto, com a fragrância de Balade Sauvage ainda no pulso.

Langdon admirou a elegância dos traços da mulher. Quatro anos mais velha que ele, ela estava cada vez mais deslumbrante: as linhas de expressão cada vez mais marcadas, os poucos fios brancos no cabelo escuro, os olhos vivazes e a inteligência fascinante.

Langdon conhecia aquela mulher notável desde a época de Princeton, onde ela era uma jovem professora assistente enquanto ele fazia graduação. Sua paixão secreta de estudante havia passado despercebida ou não fora correspondida, mas desde então os dois cultivaram uma amizade platônica com um toque de flerte. Mesmo depois de a carreira profissional dela alcançar a estratosfera e de Langdon virar um professor universitário de renome mundial, os dois mantiveram um contato casual.

*Timing é tudo*, pensou Langdon, ainda maravilhado com a forma como os dois haviam se apaixonado durante aquela viagem espontânea a trabalho.

Enquanto *Atmosfera da manhã* subia num crescendo, ele a puxou para perto com um braço forte, e ela se aninhou junto a seu peito.

– Dormiu bem? – sussurrou ele. – Não teve mais nenhum pesadelo?

Ela fez que não com a cabeça e suspirou.

– Que vergonha. Foi horrível.

Naquela noite, ela acordara apavorada ao ter um pesadelo especialmente vívido, e Langdon passara quase uma hora reconfortando-a, até que ela conseguisse voltar a dormir. Langdon garantiu-lhe que o pesadelo tão intenso tinha sido causado pela fatídica saideira de absinto da Boêmia, bebida que, para ele, deveria ser servida sempre acompanhada por um alerta: *Muito apreciada na Belle Époque por suas propriedades alucinógenas*.

– Absinto nunca mais – garantiu ela.

Langdon esticou o braço e desligou a música.

– Feche os olhos. Eu volto a tempo do café da manhã.

– Fique aqui comigo – provocou ela, segurando-o. – Você pode passar *um dia* sem nadar.

– Só se você quiser que eu deixe de ser esse garotão de corpo enxuto – retrucou ele, sentando-se na cama com um sorriso travesso.

Todas as manhãs, Langdon corria 3 quilômetros até o Centro de Natação Strahov.

- Está escuro lá fora – insistiu ela. – Não dá para nadar aqui?
- Na piscina do *hotel*?
- Por que não? A água daqui é igual à de lá.
- A piscina daqui é minúscula. Com duas braçadas eu chego na borda.
- Daria para fazer uma piada com essa sua frase, Robert, mas vou ser gentil. Langdon sorriu.

– Engraçadinha. Volte a dormir, a gente se encontra no café.

Ela fez beicinho, jogou um travesseiro nele e rolou para o outro lado.

Langdon vestiu seu conjunto de moletom de Harvard e se encaminhou para a porta, decidindo usar a escadaria privativa em vez do elevador diminuto da suíte.

No térreo, percorreu rapidamente o corredor elegante que ligava o anexo barroco do hotel, situado na beira do rio, ao lobby do edifício. No caminho, passou por uma vitrine intitulada *ACONTECENDO AGORA EM PRAGA*, onde uma série de cartazes emoldurados anunciava os shows, passeios e palestras da semana.

O cartaz central em papel couché o fez sorrir.

O CICLO DE PALESTRAS DA UNIVERSIDADE CARLOS  
RECEBE NO CASTELO DE PRAGA  
A CIENTISTA NOÉTICA MUNDIALMENTE ACLAMADA  
DRA. KATHERINE SOLOMON

*Bom dia, lindeza*, pensou ele, admirando a foto do rosto da mulher que acabara de beijar lá em cima.

A palestra de Katherine na noite anterior lotara, com direito a espectadores em pé, o que era um feito, considerando que o evento acontecera no lendário Salão Vladislav do Castelo de Praga: um recinto cavernoso, com o teto abobadado, que durante o Renascimento foi usado para sediar torneios de justa com cavaleiros e cavalos paramentados da cabeça aos pés.

O ciclo de palestras era um dos mais respeitados da Europa, atraindo sempre palestrantes de renome e plateias entusiasmadas do mundo todo. A noite anterior não tinha sido exceção, e o salão abarrotado irrompeu em aplausos quando Katherine foi apresentada.

– Obrigada a todos – disse ela, entrando no palco com calma e confiança. Estava vestida com um suéter branco de cashmere e uma calça de grife que lhe caíam à perfeição. – Eu gostaria de começar hoje respondendo à pergunta que ouço quase todos os dias. – Ela sorriu e tirou o microfone do pedestal. – “*Ciência noética*? Que diabo é isso?”

Uma onda de risos percorreu o salão.

– Resumindo – começou Katherine –, ciência noética é o estudo da *consciência humana*. Ao contrário do que muitos acreditam, as pesquisas sobre a consciência não são uma ciência nova. Na verdade, elas constituem a ciência mais antiga do mundo. Desde a aurora dos tempos, nós buscamos resposta para os mistérios persistentes da mente humana... a natureza da consciência e da alma. E durante séculos exploramos essas questões principalmente através da lente da *religião*.

Katherine desceu do palco e avançou até a primeira fila de espectadores.

– E, por falar em religião, senhoras e senhores, não pude deixar de reparar que temos aqui na plateia hoje um estudioso de simbologia religiosa de renome mundial: o professor Robert Langdon.

Langdon ouviu murmúrios de animação na plateia. *O que ela está aprontando?*

– Professor – continuou ela, colocando-se diante dele e sorrindo. – Será que nós poderíamos nos valer por alguns instantes da sua experiência? Pode se levantar, por gentileza?

Langdon educadamente se levantou e dirigiu a ela um discreto sorriso do tipo *ocê me paga por isso*.

– Me tire uma dúvida: qual é o símbolo religioso mais comum do mundo?

A resposta era simples, e das duas uma: ou Katherine tinha lido o artigo de Langdon sobre o tema e sabia o que estava por vir, ou estava prestes a ter uma grande decepção.

Langdon aceitou o microfone e virou-se para o mar de rostos atentos sob a iluminação fraca dos lustres suspensos em correntes de ferro antiquíssimas.

– Boa noite a todos – falou, a voz de barítono saindo pelas caixas de som. – E obrigado à Dra. Solomon por ter me posto na berlinda sem qualquer aviso prévio.

A plateia bateu palmas, achando graça.

– Certo – disse ele. – O símbolo religioso mais comum do mundo é... alguém tem um palpite?

Algumas mãos se levantaram.

– Excelente – disse Langdon. – Algum palpite que *não seja* o crucifixo?

Todas as mãos se abaixaram, sem exceção.

Langdon deu uma risadinha.

– É verdade que o crucifixo é um símbolo extremamente comum, mas ele é especificamente *cristão*. Mas existe um símbolo *universal*, presente em obras de arte de todas as religiões da história.

Os espectadores se entreolharam, intrigados.

– Todos vocês já o viram muitas vezes – insistiu Langdon, dando uma dica.

– Na estela de Ra-Horakhty egípcia, talvez. – Ele fez uma pausa. – Quem sabe na estupa budista de Canisca? Ou no célebre Cristo Pantocrator?

Silêncio. Olhares vazios.

*Caramba*, pensou Langdon. *Esta com certeza é uma plateia de ciência.*

– Esse símbolo também aparece em centenas das mais famosas pinturas renascentistas: na segunda versão da *Virgem dos Rochedos* de Leonardo da Vinci, na *Anunciação* de Fra Angelico, na *Lamentação* de Giotto, na *Tentação de Cristo* de Ticiano e em inúmeras outras representações da Virgem Maria com o Menino Jesus.

Ainda nada.

– O símbolo ao qual estou me referindo – disse ele – é o *halo*.

Katherine sorriu, parecendo saber que essa era a resposta.

– O halo – prosseguiu Langdon – é aquele disco de luz na cabeça de um ser iluminado. Na Cristandade, ele existe acima de Jesus, de Maria e dos santos. Voltando um pouco mais no tempo, um disco solar pairava sobre a cabeça do antigo deus egípcio Rá, e nas religiões orientais um nimbo aparecia acima do Buda e das divindades hindus.

– Maravilha, professor, obrigada – disse Katherine, estendendo a mão para pegar o microfone, mas Langdon a ignorou e, de um jeito brincalhão, virou-se de lado para ela: uma pequena revanche.

*Nunca faça a um historiador uma pergunta para a qual não queira uma resposta completa.*

– Devo acrescentar ainda – disse Langdon enquanto a plateia ria, satisfeita – que os halos podem ter vários formatos, tamanhos e representações artísticas. Alguns são discos dourados de cor sólida, outros são translúcidos, e outros podem ser até quadrados. Segundo as antigas escrituras judaicas, na cabeça de Moisés há um *hila*: o termo hebraico que significa “halo” ou “emanação de luz”. Determinadas formas especiais de halo projetam raios de luz, como riscos resplandecentes que irradiam em todas as direções.

Langdon tornou a se virar para Katherine com um sorriso travesso.

– Por acaso a Dra. Solomon sabe como se chama esse tipo de halo? – perguntou ele, inclinando o microfone na direção dela.

– Uma coroa de raios – respondeu Katherine, sem hesitar.

*Alguém andou estudando.*

Langdon levou o microfone de volta à boca.

– Sim, a coroa de raios é um símbolo de significado especial. Ao longo da história aparece adornando a cabeça de Hórus, Hélios, Ptolomeu, César e até mesmo do imponente Colosso de Rodes.

Langdon abriu um sorriso conspiratório na direção do público.

– Pouca gente se dá conta, mas o objeto mais fotografado de Nova York é uma coroa de raios.

Os presentes fizeram cara de confusão, inclusive Katherine.

– Alguém tem um palpite? – indagou ele. – Nenhum de vocês nunca fotografou a coroa de raios suspensa a uns 100 metros do porto de Nova York?

Ele aguardou enquanto o murmúrio crescia na plateia.

– A Estátua da Liberdade! – gritou alguém.

– Exato – disse Langdon. – A Estátua da Liberdade tem uma coroa de raios, um halo antigo: o emblema universal usado ao longo da história para identificar indivíduos especiais que acreditamos serem dotados de iluminação divina ou de um estado avançado de... *consciência*.

Quando Langdon devolveu o microfone a Katherine, ela estava sorrindo de orelha a orelha. *Obrigada*, articulou ela silenciosamente na direção de Langdon enquanto ele retomava seu lugar em meio às palmas.

Katherine subiu de volta ao palco.

– Como o professor Langdon acaba de explicar com tanta eloquência, os seres humanos vêm refletindo sobre a *consciência* há muito tempo. Mas mesmo hoje, com todos os avanços da ciência, nós ainda temos dificuldade para definir *o que é* a consciência. Na verdade, muitos cientistas temem inclusive *debater* esse tema. – Katherine correu os olhos pela plateia antes de completar, num sussurro: – Dizem que é palavra.

Risadas esparsas tornaram a percorrer o recinto.

Katherine meneou a cabeça para uma mulher de óculos na primeira fila.

– A *senhora* definiria consciência de que forma?

A mulher passou alguns instantes pensando.

– Acho que como... uma noção da minha própria existência.

– Perfeito. E essa noção? De onde ela *vem*?

– Do meu cérebro, acho. Dos meus pensamentos e ideias, da minha imaginação, da atividade cerebral que faz de mim quem sou.

– Excelente descrição, obrigada. – Katherine tornou a erguer os olhos para a plateia. – Será que todos aqui podemos começar concordando com o básico? A consciência é criada pelo nosso cérebro, o emaranhado de 86 bilhões de neurônios e um quilo e meio situado dentro do nosso crânio. Portanto, a *consciência* está localizada dentro da nossa cabeça.

Pessoas assentiram por todo o salão.

– Maravilha – disse Katherine. – Acabamos de concordar com o modelo atualmente aceito da consciência humana. – Ela deixou alguns segundos pas-

sarem, então deu um suspiro pesado. – O problema é que... esse modelo está *redondamente enganado*. Sua consciência *não é* uma criação do seu cérebro. Na verdade, sua consciência nem sequer está localizada *dentro* da sua cabeça.

Um silêncio atônito sucedeu suas palavras.

A mulher de óculos na fila da frente falou:

– Mas, se a minha consciência não está *dentro* da minha cabeça, então onde está?

– Fico muito feliz com a sua pergunta – disse Katherine, sorrindo para o público. – Acomode-se, pessoal. Hoje vamos fazer uma viagem e tanto.

*Celebridade*, pensou Langdon enquanto caminhava em direção ao lobby do hotel, ainda escutando os ecos da plateia aplaudindo Katherine de pé. A apresentação fora um feito estonteante que deixara os espectadores estarrecidos e ávidos por mais. Quando alguém perguntou em que ela estava trabalhando, Katherine revelou que acabara de dar os toques finais num livro que tinha escrito com a expectativa de, talvez, ajudar a redefinir o atual paradigma da consciência.

Langdon a ajudara a fechar contrato com uma editora, mas ainda não tinha lido o manuscrito. Katherine lhe fizera revelações suficientes sobre o conteúdo para deixá-lo fascinado e ansioso para ler, mas ele sentira que ela havia guardado segredo em relação a todas as revelações mais chocantes. *Katherine Solomon tem sempre uma carta na manga*.

Ao se aproximar do lobby, de repente Langdon recordou que Katherine tinha agendado para as oito horas daquela manhã um encontro com a Dra. Brigita Gessner, renomada neurocientista tcheca que a convidara pessoalmente a dar a palestra. O convite de Gessner fora generoso, mas após conhecê-la depois do evento e achá-la insuportável, Langdon estava torcendo em segredo para Katherine perder a hora e decidir tomar café da manhã com *ele* em vez de ir ao encontro.

Afastando esses pensamentos, adentrou o lobby, onde apreciou o perfume dos extravagantes buquês de rosas que sempre adornavam a entrada principal do hotel. A cena que viu ao chegar ali, porém, foi bem menos acolhedora.

Dois policiais vestidos de preto percorriam a passos firmes o espaço aberto conduzindo um par de pastores-alemães. Ambos os cães usavam colete à prova de balas com a palavra POLICIE escrita e farejavam o local como se estivessem em busca de alguma coisa.

*Isso não está cheirando bem*. Langdon foi até o balcão da recepção.

– Está tudo bem?

– Está, sim, Sr. Langdon! – O gerente impecavelmente vestido quase fez uma mesura ao correr para cumprimentá-lo. – Tudo na mais perfeita ordem, professor. Uma questão sem importância ontem à noite, mas foi alarme falso

– garantiu o homem, balançando a cabeça como quem não dá importância ao assunto. – É só uma precaução. Como o senhor sabe, aqui no Four Seasons de Praga a segurança é prioridade máxima.

Langdon olhou para os policiais. *Questão sem importância?* Aqueles caras não pareciam nem um pouco triviais.

– O senhor está indo nadar no clube? – quis saber o gerente. – Quer que eu mande chamar um carro?

– Não, obrigado – respondeu Langdon, encaminhando-se para a porta. – Eu vou correndo. Gosto do ar puro.

– Mas está nevando!

Natural da Nova Inglaterra, Langdon olhou de relance para os flocos de neve esparsos caindo lá fora e abriu um sorriso para o gerente.

– Se daqui a uma hora eu não tiver voltado, mande um desses cachorros para me resgatar.

## CAPÍTULO 2

**O Golêm atravessou a neve** a passos claudicantes, a barra de sua longa capa preta se arrastando pela neve encardida e meio derretida que cobria a Rua Kaprova. Escondidas por baixo da capa, suas imensas botas de salto plataforma eram tão pesadas que ele mal conseguia levantar as pernas. A grossa camada de barro que cobria sua cabeça estava cada vez mais ressecada no ar frio.

*Preciso chegar em casa.*

*O Éter está se aproximando.*

Temendo que o Éter o alcançasse, O Golêm levou a mão ao bolso, pegou o pequeno bastão de metal que sempre levava consigo e o pressionou com força no barro seco no alto da cabeça, fazendo pequenos movimentos circulares.

*Ainda não, entou em silêncio, fechando os olhos.*

O Éter se dispersou, pelo menos por ora, e ele guardou o bastão de volta no bolso e seguiu em frente.

*Mais alguns quarteirões, e vou poder Liberar.*

A Praça da Cidade Velha – conhecida em Praga como *Staromák* – estava deserta naquela manhã escura, exceto por uma dupla de turistas segurando

doces de açúcar queimado e olhando para cima, na direção do famoso relógio medieval. De hora em hora, o mecanismo executava a “Caminhada dos Apóstolos”, uma procissão sincopada de santos que se punham a girar e iam surgindo e desaparecendo por duas janelinhas na frente do relógio.

*Andando em círculos sem rumo desde o século XV, pensou O Golêm, e mesmo assim continuam atraindo ovelhas para assistir ao espetáculo.*

Quando os dois turistas viram O Golêm passar, deram um arquejo espontâneo e um passo para trás. Ele já estava acostumado a essa reação dos desconhecidos. Ela o fazia lembrar que tinha uma forma física, mesmo ninguém conseguindo ver o que ele era de verdade.

*Eu sou O Golêm.*

*Não pertença à sua dimensão.*

O Golêm às vezes se sentia desancorado, como se pudesse flutuar, por isso gostava de envolver sua casca mortal em túnicas pesadas. O peso da capa e das botas de salto plataforma aumentava a força da gravidade e o segurava no chão. A cabeça coberta de barro e a capa com capuz faziam dele uma estranheza apavorante, mesmo em Praga, onde era comum ver pessoas fantasiadas à noite.

Mas o que fazia do Golêm uma visão realmente singular eram as três letras antigas gravadas em sua testa, entalhadas no barro com uma espátula de pintor.

## תמא

As três letras hebraicas – *aleph, mem, tav* –, lidas da direita para a esquerda, formavam a palavra *EMET*.

*Verdade.*

Fora a Verdade que levava O Golêm a Praga. E fora a Verdade que a Dra. Gessner lhe revelara mais cedo naquela noite: uma confissão detalhada das atrocidades que ela e seus colegas haviam cometido nas profundezas da cidade. Seus crimes eram hediondos, mas nem se comparavam ao que estava planejado para o futuro próximo.

*Eu vou acabar com tudo, disse ele para si mesmo. Reduzir tudo a ruínas.*

O Golêm visualizou a sombria criação do grupo destruída, um buraco fumegante na terra. Embora a tarefa fosse árdua, ele estava confiante de que conseguiria executá-la. A Dra. Gessner havia lhe revelado tudo que ele precisava saber.

*Preciso agir depressa. A janela de oportunidade é pequena, disse ele a si mesmo, com o plano começando a se cristalizar em sua mente.*

O Golêm seguiu na direção sudeste, afastando-se da praça, e encontrou a viela que ia dar no edifício onde morava. O bairro da Cidade Velha era um labirinto de vias estreitas conhecidas por uma vida noturna vibrante e pelos pubs típicos: o Café Literário Týnská para escritores e intelectuais, o Anonymous Bar para os hackers e amantes de intrigas, e o Hemingway Bar para os sofisticados e apreciadores de drinques. Fora o Museu de Máquinas Sexuais, que ficava aberto até tarde e atraía multidões de curiosos a qualquer hora.

Enquanto serpeava pelo labirinto de ruelas, O Golêm se pegou pensando não nos horrores que acabara de infligir à Dra. Brigita Gessner, tampouco nas chocantes informações que conseguira extrair da mulher, e sim *nela*.

Estava sempre pensando nela.

*Eu sou o protetor dela.*

*Ela e eu somos duas partículas emaranhadas, entrelaçadas para sempre.*

Seu único objetivo no mundo era protegê-la, e apesar disso ela desconhecia sua existência. Mesmo assim, o tempo que ele passara servindo a ela tinha sido uma honra. Suportar os fardos de outro ser é a mais nobre das vocações, mas fazer isso de forma anônima, sem qualquer reconhecimento... *isso sim é um verdadeiro ato de amor altruísta.*

*Os anjos da guarda assumem muitas formas.*

Ela era uma pessoa que confiava nos outros e que sem querer se viu envolvida num mundo de ciência sombria. Não tinha visto os tubarões nadando a seu redor. Naquela noite, O Golêm tinha matado um desses tubarões, mas agora havia sangue na água. Forças poderosas subiriam à superfície para descobrir o que tinha acontecido, para proteger o segredo que haviam criado.

*Vocês vão chegar tarde,* pensou.

O circo dos horrores subterrâneo estava prestes a ruir sob o peso do próprio pecado, vítima da própria engenhosidade.

Enquanto caminhava pelas ruas nevadas, O Golêm sentiu o Éter voltar a ficar mais denso a seu redor. Mais uma vez esfregou o bastão de metal na cabeça.

*Em breve,* prometeu.



Em Londres, um americano chamado Sr. Finch andava de um lado para outro em seu luxuoso escritório limpando um par de óculos Panthère, da Cartier. Sua impaciência havia se transformado numa profunda preocupação.

*Que fim levou Gessner? Por que não consigo entrar em contato com ela?*

Ele sabia que a neurocientista tcheca tinha comparecido à palestra de Kathe-

rine Solomon no Castelo de Praga na noite anterior. Na sequência, a mulher lhe mandou uma mensagem alarmante relacionada ao livro que Solomon publicaria em breve. Não era uma boa notícia. Gessner prometera ligar para Finch e atualizá-lo sobre a situação.

Mas era quase de manhã, e Finch ainda não havia recebido notícias.

Tinha enviado mensagens e tentado ligar, sem resposta.

*Já faz seis horas... Gessner é meticulosa; isso não é nem um pouco do seu feitio.*

Tendo chegado ao ápice da sua profissão escutando os próprios instintos, o Sr. Finch aprendera a ouvir sua intuição. E, infelizmente, naquele momento seus instintos lhe disseram que alguma coisa tinha dado perigosamente errado em Praga.

## CAPÍTULO 3

**Robert Langdon sentia o ar** gelado e revigorante do inverno enquanto corria na direção sul pela Rua Křižovnická, seus passos compridos deixando um rastro solitário de pegadas na fina camada de neve que cobria a calçada.

A cidade de Praga sempre lhe parecera um lugar encantado, um instante congelado no tempo. Por ter sofrido bem menos estragos do que outras cidades europeias durante a Segunda Guerra Mundial, a capital histórica da Boêmia ostentava prédios estonteantes, ainda cravejada com todas as joias da sua arquitetura original, uma amostra única, variada e intacta de construções romanescas, góticas, barrocas, art nouveau e neoclássicas.

O apelido da cidade – *Stověžatá* – significava literalmente “dos cem pináculos”, embora na realidade houvesse mais de setecentos pináculos e campanários em Praga. No verão, de vez em quando a cidade as iluminava com um mar de holofotes verdes; diziam que o efeito espantoso tinha servido de inspiração a Hollywood para retratar a Cidade das Esmeraldas de *O mágico de Oz*, lugar místico que, assim como Praga, era considerado repleto de possibilidades mágicas.

Ao atravessar a esquina da Křižovnická com a Rua Platněřská, Langdon teve a sensação de estar correndo pelas páginas de um livro de história. À sua esquerda se avultava a fachada colossal do Klementinum, complexo de 2 hectares que abrigava a torre de observação usada pelos astrônomos Tycho

Brahe e Johannes Kepler, bem como a lindíssima biblioteca barroca contendo mais de vinte mil volumes de literatura teológica antiga. A biblioteca era o local preferido de Langdon na cidade, quiçá na Europa inteira. Ele e Katherine tinham ido visitar a mais recente exposição no dia anterior.

Ao dobrar à direita na igreja de São Francisco de Assis, ele chegou ao acesso leste de um dos marcos mais famosos da cidade, iluminado pela claridade âmbar dos raros postes de iluminação a gás de Praga. Considerada por muitos a ponte mais romântica do mundo, a Karlův most – a Ponte Carlos – era feita de arenito da Boêmia e margeada de ambos os lados por trinta estátuas de santos cristãos. Com mais de meio quilômetro de extensão por sobre o plácido rio Moldava, protegida de ambos os lados por imensas torres de vigia, a ponte havia sido uma importante rota comercial entre as partes oriental e ocidental da Europa.

Langdon atravessou correndo o arco da torre leste e, ao emergir dele, depa-rou com um manto de neve imaculada estendido à sua frente. A ponte era só para pedestres, mas naquele horário ainda não havia uma pegada sequer.

*Estou sozinho na Ponte Carlos, pensou Langdon. Um momento único na vida.*

Certa vez ele havia se pegado igualmente sozinho no Louvre com a *Mona Lisa*, mas em circunstâncias bem menos agradáveis do que as de agora.

Os passos de Langdon se alargaram conforme ele foi ganhando ritmo, e ao chegar do outro lado do rio ele já corria sem esforço. À sua direita e ao alto, iluminada em meio à linha do horizonte formada pelos prédios escuros, brilhava a joia reluzente mais amada da cidade.

*O Castelo de Praga.*

Era o maior complexo de castelos do mundo, com mais de meio quilômetro de extensão do portão oeste até a extremidade leste, e ocupava um espaço de mais de 460 mil metros quadrados. Suas muralhas abrigavam seis jardins formais, quatro palácios independentes e quatro igrejas cristãs, entre elas a esplendorosa catedral de São Vito, onde estavam guardadas as joias da coroa da Boêmia, além da coroa de São Venceslau, amado governante da Boêmia que viveu no século X.

Quando passou debaixo da torre oeste da Ponte Carlos, Langdon riu sozinho ao pensar no evento da véspera no Castelo de Praga.

*Katherine sabe ser persistente.*

– Vamos lá na minha palestra, Robert! – dissera ela ao telefonar duas semanas antes para convencê-lo a ir a Praga. – Vai ser perfeito! Você está no recesso de inverno. É tudo por minha conta.

Langdon refletiu sobre a proposta animadora. Os dois sempre haviam cultivado um respeito mútuo e uma quedinha platônica um pelo outro, e ele se

sentira inclinado a mandar a cautela às favas e aceitar a proposta espontânea que ela estava fazendo.

– Fico tentado, Katherine. Praga é um lugar mágico, mas a verdade é que...

– Olha, vou direto ao assunto – disparou ela. – Eu preciso de alguém, tá? Pronto, falei. Preciso de um acompanhante para ir à minha própria palestra.

Langdon deu uma gargalhada.

– Foi por *isso* que você ligou? Uma cientista de renome mundial precisando de um acompanhante?

– Só de alguém para fazer bonito ao meu lado, Robert. Vai ter um jantar dos patrocinadores com traje a rigor, e depois vou dar uma palestra num salão famoso qualquer... Vlad não sei das quantas.

– No *Salão Vladislav*? No Castelo de Praga?

– Esse mesmo.

Langdon ficou impressionado. O Ciclo de Palestras da Universidade Carlos era um evento trimestral e um dos encontros mais prestigiosos da Europa, mas pelo visto era mais elegante do que ele havia imaginado.

– Tem certeza de que quer um *simbologista* como acompanhante num jantar com traje a rigor?

– Eu convidei o George Clooney, mas o smoking dele está na tinturaria.

Langdon deu um grunhido.

– Por acaso *todos* os cientistas noéticos são insistentes assim?

– Só os melhores. E vou interpretar isso como um sim.

*Que diferença vão fazer duas semanas*, ponderou Langdon, ainda sorrindo ao alcançar o outro lado da Ponte Carlos. Praga com certeza tinha feito jus à reputação de cidade mágica, uma catalisadora dotada de poderes ancestrais. *Alguma coisa aconteceu aqui.*

Langdon jamais esqueceria o primeiro dia com Katherine naquele lugar místico: os dois se perdendo num labirinto de ruas de paralelepípedos; correndo de mãos dadas em meio à chuva com névoa; se abrigando sob um arco do Palácio Kinský, na Praça da Cidade Velha; e, ofegantes, à sombra da Torre do Relógio: o primeiríssimo beijo, que parecera surpreendentemente natural após anos de amizade.

Quer fosse por causa de Praga, do timing perfeito ou de uma espécie de mão invisível Langdon não fazia ideia, mas uma inesperada alquimia fora despertada entre os dois e ganhava força a cada dia que passava.

Do outro lado da cidade, O Golêm dobrou a última esquina e chegou cansado ao seu prédio. Destrancou a porta externa e adentrou o exíguo hall de entrada.

Apesar de o recinto estar às escuras, ele decidiu não acender a luz. Em vez disso, usou uma passagem estreita para acessar uma escadaria escondida, que foi subindo sem o menor resquício de luz, segurando-se no corrimão para se orientar. Sentiu as pernas doerem conforme subia, e gratidão ao enfim chegar à porta de seu apartamento. Limpou com cuidado a neve das botas e entrou.

O apartamento estava imerso numa escuridão completa.

*Exatamente como eu o criei.*

As paredes e os tetos eram pintados de preto chapado, e as janelas, tapadas por cortinas grossas e pesadas. Os pisos de sinteco baços e opacos quase não refletiam luz, e praticamente não havia móveis.

O Golêm acionou um interruptor geral, e uma dúzia de luzes negras se acenderam pelo apartamento, irradiando uma leve claridade arroxeadada sobre os objetos de tons mais claros. Seu lar era uma paisagem de outro mundo – efêmera e luminescente –, e ela o fez relaxar de imediato. Andar naquele espaço lhe dava a sensação de vagar por um vácuo profundo, de flutuar de um objeto tremeluzente até o outro.

A ausência de qualquer outra fonte de luz criava um ambiente “temporalmente neutro”, um mundo atemporal no qual sua forma física não recebia estímulo circadiano. Os deveres do Golêm exigiam que ele tivesse uma rotina irregular, e a falta de luz libertava seu biorritmo das influências do tempo convencional. Horários previsíveis eram um luxo a ser gozado por almas mais simples, almas sem um fardo por carregar.

*Meus serviços são exigidos por ela em horários inesperados, do dia ou da noite.*

Ele foi andando pela escuridão fantasmagórica, entrou no quarto de vestir, tirou a capa e descalçou as botas. Agora nu do pescoço para baixo, sua pele pálida refulgia sob a luz negra, mas O Golêm evitou olhar para ela. Seu santuário não tinha espelhos de propósito, salvo o pequeno espelho de mão que ele usava para cobrir o rosto de barro.

Ver sua casca física era sempre perturbador.

*Este corpo não é meu.*

*Eu apenas me manifestei dentro dele.*

Descalço, O Golêm foi até o banheiro, abriu o chuveiro e entrou no box. Após remover a camada de barro que cobria seu crânio, ele fechou os olhos e ergueu o rosto em direção ao jato morno. A água causava uma sensação purificante conforme o barro seco se dissolvia e era levado por filetes escuros que escorriam por seu corpo e desciam em espiral pelo ralo.

Após ter certeza de que havia se livrado de qualquer indício de suas atividades da noite anterior, O Golêm saiu do chuveiro e se secou.

O Éter agora o puxava com mais força, mas ele não pegou o bastão.

*Chegou a hora.*

Ainda nu, O Golêm atravessou a escuridão até seu *svatyně*, o cômodo especial que havia criado para receber o dom.

No breu total, foi até o tapete de juta que mantinha no centro do piso. Com todo o respeito, deitou-se nu de barriga para cima no centro exato do tapete.

Então, pôs a mordança com a bola de silicone perfurada na boca... e Liberou.

## CAPÍTULO 4

*Sou o primeiro aqui também*, pensou Langdon ao chegar ao Centro de Natação Strahov no exato instante em que o funcionário destrancava a porta de entrada. Conhecia poucas experiências tão luxuosas quanto ter uma piscina de 25 metros inteirinha só para si. Foi até seu armário alugado, vestiu a sunga, tomou uma ducha rápida, pegou os óculos de natação e foi para a piscina.

As luzes frias do teto ainda estavam se aquecendo, e o recinto estava quase todo às escuras. Langdon ficou parado, com os dedos dos pés para fora da borda, encarando a superfície lisa da água que parecia um imenso espelho negro.

O *Templo de Atenas*, pensou, recordando como os gregos antigos costumavam praticar a catoptromancia fitando poças de água escura para vislumbrar o futuro. Imaginou Katherine adormecida na suíte do hotel e se perguntou se seria *ela* o seu futuro. Para um solteiro convicto, era uma ideia ao mesmo tempo perturbadora e empolgante.

Colocou os óculos de natação, inspirou fundo e saltou, cortando a superfície da água feito uma faca. Avançou dois segundos submerso, então bateu perna no estilo borboleta por 10 metros antes de subir à superfície e engatar um nado livre.

Concentrado na cadência da própria respiração, entrou no estado semimeditativo que a natação sempre lhe proporcionava. Sua musculatura relaxou e seu corpo tornou-se aerodinâmico e ágil, avançando pela água escura num ritmo impressionante para um cinquentão.

Em geral, quando Langdon nadava, sentia a mente vazia por completo, mas naquela manhã, mesmo após quatro voltas na piscina, ela continuava ocupada, repassando momentos da fascinante palestra de Katherine na noite anterior.

– *Sua consciência não é uma criação do seu cérebro. Na realidade, a sua consciência nem sequer está localizada dentro da sua cabeça.*

Essas palavras haviam despertado a curiosidade de todos os presentes, mas Langdon sabia que a palestra mal arranhara a superfície do que estaria incluído no livro a ser lançado por Katherine.

*Ela alega ter feito uma descoberta inacreditável.*

A descoberta de Katherine – fosse qual fosse – era segredo. Ela ainda não a compartilhara com ninguém, nem mesmo Langdon, embora tivesse feito várias alusões a ela nos últimos dias, confidenciando-lhe que a pesquisa para o livro levava a uma descoberta espantosa. Após a palestra, Langdon passou a ter a sensação de que o livro de Katherine tinha um potencial explosivo.

*Ela não se intimida diante da controvérsia*, refletiu Langdon, que gostou de vê-la irritar os membros mais tradicionalistas da plateia.

– A ciência tem um longo histórico de modelos *falhos* – anunciara ela, fazendo a voz ecoar pelo Salão Vladislav. – A teoria da Terra plana, o sistema solar geocêntrico, o universo em estado constante: tudo isso é falso, embora já tenha sido levado muito a sério e considerado verdadeiro. Felizmente, nossos sistemas de crenças evoluem quando se deparam com uma série de inconsistências impossíveis de explicar.

Katherine empunhou um controle remoto, e a tela atrás dela ganhou vida com a imagem de um modelo astronômico medieval: o sistema solar com a Terra retratada no centro.

– Durante séculos, o modelo geocêntrico foi aceito como um fato inquestionável. Com o tempo, porém, os astrônomos perceberam que o movimento dos planetas não condizia com esse modelo. As anomalias se tornaram tão numerosas e flagrantes que nós – ela tornou a clicar no controle – criamos um novo modelo. – A tela então exibiu uma ilustração moderna do sistema solar, com o *Sol* no centro. – Esse novo modelo explicava todos os fenômenos anômalos, e hoje a heliocentricidade é a realidade aceita por nós.

A plateia se manteve em silêncio enquanto Katherine avançava até a frente do palco.

– Da mesma forma – disse ela –, houve um tempo em que a mera sugestão de que a Terra era *redonda* era algo risível, uma heresia científica, até. Afinal, se a Terra era redonda, os oceanos não escorreriam para fora dela? Muitos de nós não estaríamos de cabeça para baixo? Mas, pouco a pouco, começamos a

ver fenômenos que não faziam sentido com o modelo da Terra plana: a sombra *curva* do planeta durante os eclipses lunares, navios que partiam rumo ao horizonte desaparecendo de baixo para cima, e, é claro, a circum-navegação do globo realizada por Fernão de Magalhães. – Ela sorriu. – Xiii... Hora de um novo modelo.

Cabeças assentiram, num bom humor compartilhado.

– Minhas senhoras, meus senhores – continuou ela num tom de voz sombrio. – Eu creio que uma evolução semelhante esteja ocorrendo agora no campo da *consciência humana*. Estamos prestes a vivenciar um maremoto em nossa compreensão de como o cérebro funciona, da natureza da consciência e da própria natureza da realidade em si.

*Nada como mirar alto*, pensou Langdon.

– Assim como acontece com qualquer crença ultrapassada – prosseguiu ela –, o modelo hoje aceito da consciência humana está sendo desafiado por uma maré crescente de fenômenos que simplesmente não consegue explicar, fenômenos validados de forma criteriosa pelos laboratórios de noética mundo afora e testemunhados pelos seres humanos há séculos. Mesmo assim, a ciência tradicionalista *segue* se recusando a lidar com a existência desses fenômenos, ou mesmo a aceitar que eles sejam reais. Em vez disso, prefere trivializá-los, afirmando que são exceções ou farsas, chamando-os de “paranormalidade”, um nome desrespeitoso que passou a ser sinônimo “daquilo que não é ciência”.

O comentário provocou um burburinho no fundo do auditório, mas Katherine seguiu em frente sem se deixar abalar.

– A verdade é que vocês todos estão familiarizados com esses fenômenos *paranormais* – declarou ela. – Eles são conhecidos por nomes como percepção extrassensorial, precognição, telepatia, clarividência, experiências fora do corpo. Apesar de serem denominados “para”normais, esses fenômenos são *normais*. Ocorrem todo dia tanto na ciência, em experimentos cuidadosamente controlados, quanto no mundo real.

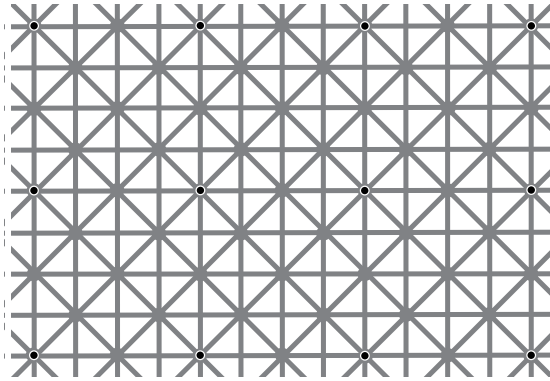
Um silêncio total reinava no recinto.

– A questão não é se esses fenômenos são reais – disse Katherine. – A ciência já demonstrou que são. A questão é: por que tantos de nós permanecemos cegos em relação a eles?

Ela apertou um botão do controle remoto, e uma imagem se materializou no telão.

*A grade de Hermann*. Langdon identificou a conhecida ilusão de ótica na qual pontos pretos parecem surgir e desaparecer dependendo do ponto do diagrama em que uma pessoa foca o olhar.

A plateia começou a sentir o efeito, e um murmúrio de surpresa se espalhou pela sala.



– Estou mostrando isso a vocês por um motivo simples: para nos lembrar que a percepção humana está repleta de *pontos cegos* – concluiu Katherine. – Às vezes estamos tão ocupados olhando para o lado errado que deixamos de ver o que está bem na nossa frente.



O céu matinal ainda estava totalmente escuro quando Langdon saiu do clube e desceu a colina. Sua meia hora de meditação aquática o deixara tomado por uma sensação de tranquilidade, e a caminhada solitária de volta ao hotel estava rapidamente virando uma das partes preferidas do seu dia. Quando ele se aproximou do rio, o relógio digital do centro de informações turísticas brilhava marcando 6h52.

*Tempo de sobra*, pensou Langdon, torcendo para conseguir voltar para a cama com Katherine e convencê-la a cancelar o encontro das oito com Brigita Gessner. A neurocientista havia praticamente forçado Katherine a ir conhecer seu laboratório naquela manhã. Katherine fora educada demais para recusar.

Ao chegar à Ponte Carlos, Langdon viu que o manto liso de neve já não estava mais imaculado, e sim repleto de pegadas de outros visitantes madrugadores. Viu, à direita, a Torre Judith, única sobrevivente da estrutura medieval original. Ao longe ficava a torre de vigia “nova”, do século XIV, na qual as cabeças decapitadas tinham ficado expostas em estacas como um lembrete para qualquer um disposto a desafiar o domínio dos Habsburgos.

*Dizem que ainda é possível ouvir os gemidos de dor dessas pessoas ao passar perto.*

A palavra “Praga” significa “limiar”, e Langdon tinha sempre a sensação de atravessar um toda vez que visitava a cidade. O lugar mágico passara séculos mergulhado em misticismo, fantasmas e espíritos. Até hoje os guias turísticos dizem que a cidade tem uma aura sobrenatural palpável para qualquer um aberto a senti-la.

*Provavelmente não sou uma dessas pessoas*, sabia Langdon, embora devesse reconhecer que naquela manhã a Ponte Carlos parecia saída de outro mundo, a neve que caía formando halos espectrais em volta dos postes de iluminação a gás.

Durante séculos, a cidade tinha sido o centro europeu de todas as formas de ocultismo. O rei Rodolfo II de Praga era um praticante secreto das ciências da transmutação em seu *Speculum Alchemiae*, localizado no subterrâneo da cidade. Os clarividentes John Dee e Edward Kelley tinham ido a Praga promover sessões de perscrutação para conjurar espíritos e conversar com anjos. O misterioso escritor judeu Franz Kafka tinha nascido e trabalhado em Praga, onde escrevera seu sombrio e surreal *A metamorfose*.

Enquanto atravessava a ponte, o olhar de Langdon recaiu sobre o hotel Four Seasons ao longe, de frente para o rio, com as águas profundas do Moldava a lambar suas fundações. Acima da superfície reluzente do rio, as janelas da sua suíte no segundo andar continuavam às escuras.

*Katherine ainda está dormindo*, constatou, nem um pouco surpreso, considerando o pesadelo que a fizera passar boa parte da noite acordada.

Após percorrer cerca de um terço da ponte colossal, Langdon passou pela estátua de bronze de São João Nepomuceno. *Assassinado neste exato local*, pensou, com um calafrio. Ao receber uma ordem do rei para violar o voto de confidencialidade e revelar as confissões particulares da rainha, o padre se recusou a ceder, e o rei mandou torturá-lo e jogá-lo da ponte.

Langdon estava perdido em pensamentos quando teve a atenção atraída para uma visão incomum mais à frente. Perto da metade da ponte, uma mulher toda vestida de preto vinha se aproximando. Ele imaginou que ela estivesse voltando de uma festa a fantasia, tendo em vista que ostentava um adereço de cabeça extravagante: uma espécie de tiara com meia dúzia de estacas pretas pontiagudas saindo do crânio para cima e para fora, rodeando sua cabeça feito uma...

Langdon sentiu um calafrio. *Uma coroa de raios?*

A bizarra coincidência de ver uma coroa de raios naquela manhã foi surpreendente e um pouco perturbadora, mas Langdon lembrou a si mesmo que em Praga era comum ver fantasias macabras do tipo.

Quando a mulher se aproximou, no entanto, a cena se tornou mais estranha. Ela parecia em transe e caminhava como se estivesse semimorta, com os olhos

arregalados fixos à frente e uma expressão vazia. Langdon estava prestes a perguntar se ela estava bem quando reparou no que ela vinha segurando.

A visão o fez travar.

*Mas... é impossível.*

A mulher estava empunhando uma *lança* de prata.

*Igualzinho ao pesadelo de Katherine.*

Langdon olhou para a arma pontiaguda e se perguntou se agora quem estaria sonhando era *ele*. Quando a mulher passou a seu lado, ele percebeu que havia parado de andar, paralisado pela própria incompreensão. Obrigando-se a sair do estupor, virou-se na direção dela e a chamou.

– Com licença! – soltou. – Moça!

Ela nem sequer diminuiu o passo, como se não conseguisse escutá-lo.

– *Ei!* – gritou Langdon, ainda parado, mas a mulher simplesmente passou por ele feito uma aparição, um espírito cego que atravessava a ponte atraído por uma força invisível do outro lado.

Langdon se virou para sair correndo atrás dela, mas avançou apenas dois passos antes de se deter, dessa vez ao sentir um cheiro pútrido.

No rastro da aparição pairava um odor inconfundível.

O cheiro... da morte.

O fedor teve um efeito instantâneo em Langdon. O medo o invadiu.

*Meu Deus, não... Katherine!*

No impulso, ele girou nos calcanhares ao mesmo tempo que arrancou freneticamente o celular do bolso e saiu em disparada pela Ponte Carlos. Enquanto corria em direção ao hotel, aproximou o aparelho da boca e gritou:

– Siri, ligar para a emergência.

Quando a ligação foi completada, Langdon já tinha atravessado a ponte e chegado à Rua Křižovnická.

– Emergência – atendeu uma voz. – Em que posso ajudar?

– O Four Seasons de Praga! – gritou Langdon virando à esquerda e seguindo desabalado pela calçada escura em direção ao hotel. – É preciso evacuar o hotel! Agora!

– Desculpe, como o senhor se chama, por favor?

– Meu nome é Robert Langdon, eu sou ameri...

Um táxi saiu do estacionamento à sua frente, e ele bateu com força contra a lateral do carro, deixando o celular cair na rua coberta de neve. Catou o aparelho e voltou a correr, mas a ligação tinha se encerrado. Pouco importava; a entrada do hotel estava bem à sua frente.

Ofegante, irrompeu lobby adentro, localizou o gerente e o chamou.

– *Todo mundo precisa sair daqui!*

Os policiais com cães farejadores já tinham ido embora, mas alguns hóspedes que tomavam café da manhã ergueram os olhos num espanto coletivo.

– *Todo mundo aqui está correndo perigo!* – tornou a gritar Langdon para o gerente. – *Saiam todos daqui!*

O gerente correu até ele com um ar horrorizado.

– Professor, por favor! Qual é o problema?

Langdon já estava correndo na direção do alarme de incêndio na parede. Sem hesitar, estilhaçou o vidro e puxou a alavanca.

O alarme disparou na hora.

Langdon saiu correndo do lobby e atravessou a mil o corredor comprido até o anexo onde ficava a sua suíte. Ignorou o elevador, subiu correndo dois lances de escada até o saguão privativo, destrancou a Suíte Real, entrou desabalado e começou a chamar feito um louco no escuro.

– *Katherine! Acorda! O sonho que você teve...*

Ele ligou o interruptor geral e correu até o quarto de dormir. A cama estava vazia. *Cadê ela?* Correu até o banheiro. Nada. Desesperado, procurou no restante da suíte. *Ela não está aqui?!*

Nesse instante, um sino de igreja ali perto começou a tocar num tom pesaroso.

O som preencheu Langdon com um terror acachapante. Algo lhe dizia que ele jamais conseguiria sair a tempo do hotel. Temendo pela própria vida e movido pela adrenalina, correu até o janelão e olhou para as águas profundas do Moldava.

A superfície lisa e escura do rio estava bem abaixo dele.

Os sinos tocaram com mais força.

Langdon tentou pensar, mas não havia pensamento algum, apenas um instinto humano avassalador: sobreviver.

Sem hesitar, abriu a janela com um tranco e subiu no peitoril. A rajada de ar frio e neve não atenuou seu pânico em nada.

*É a sua única opção.*

Ele se equilibrou na borda do peitoril.

Então, inspirou fundo e se lançou na escuridão.

## CONHEÇA OS LIVROS DE DAN BROWN

Anjos e demônios  
O Código Da Vinci  
O símbolo perdido  
Inferno  
Origem  
Fortaleza digital  
Ponto de impacto  
Sinfonia dos animais  
O segredo final

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

